

Meninas e mulheres na Ciência: porque é importante um dia para celebrá-las ?  
Carolina Brito, Daniela Pavani, Marcia C. Barbosa

A Primeira Conferência Internacional de Mulheres na Física organizada em 2002 pelo grupo de trabalho de mulheres na física da União Internacional de Física (IUPAP) coordenado por Marcia Barbosa teve o efeito catalisador de criar grupos de mulheres na física em todo o mundo. Após o evento, Marcia e Elisa Baggio-Saitovitch sabiam que tinham que fazer algo similar no Brasil. As duas físicas convidaram especialistas em feminismo, Hildete Pereira de Melo, Fanny Tabac e Jacqueline Leta e organizaram a Primeira Conferência de Mulheres Latino-Americanas em Ciências Exatas e da Vida em 2004. O evento atraiu pesquisadoras, pesquisadores, entre eles Nilcéia Freire, a Ministra-Chefe da Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM) do governo Lula.

Ao final da conferência, Nilcéia faz a pergunta fundamental: O que a SPM poderia fazer para atrair e manter mulheres na ciência? A resposta das organizadoras levou a SPM a construir em parceria com o CNPq o movimento “Construindo a Igualdade de Gênero”, que desenvolveu uma série de atividades infelizmente descontinuadas a partir de 2018. A parceria entre as pesquisadoras e a gestão da SPM levou igualmente à criação da licença maternidade das bolsistas de mestrado, doutorado, pós-doutorado e de Produtividade.

Por que estas ações eram necessárias? No Brasil, de 100 pessoas na faixa etária entre 25 e 34 anos, menos de 3 são formadas em áreas ditas STEM (sigla em inglês para designar as carreiras de ciências, tecnologias, engenharias e matemática). Na Coreia do Sul este número é 10 vezes maior e 5 vezes maior nos países da União Europeia. Uma das consequências é que o Brasil não produz tecnologia. Vendemos matéria prima sem agregar valor e importamos tecnologia cara. A pandemia também nos mostra que não apenas desenvolver a ciência é essencial, mas que produzir tecnologia no nosso país é uma questão de soberania e pode salvar vidas.

Mas o que isto tem a ver com as mulheres? Dentro deste pequeno universo de profissionais na área de STEM, as mulheres correspondem a apenas 30% e à medida que a carreira avança, a proporção de mulheres só diminui, caracterizando o que chamamos de “efeito tesoura”[1].

A I Conferência Brasileira de Mulheres na Física (ICBMF) ocorreu em Agosto de 2013 como uma resposta a esta necessidade de pensar formas de atrair mais mulheres para as áreas de exatas. O evento contou com a participação de membros da SPM e CNPq. Em outubro do mesmo ano, com o apoio substancial de 11 milhões de reais, surge o Meninas e Jovens Fazendo Ciências Exatas, Engenharias e Computação. Ele era uma parceria entre CNPq, SPM e Petrobras que nasceu na ICBMF.

Embora a ideia de fazer um projeto envolvendo meninas e ciência estivesse latente na cabeça dos docentes Daniela Pavani e Paulo Lima Jr da UFRGS, o edital do CNPq permitiu que se concretizasse a parceria com a primeira escola. Nasce assim o Meninas na Ciência [2] com o objetivo de criar ações capazes de atrair meninas para as carreiras de STEM e manter as mulheres que já escolheram estas áreas para se tornarem agentes de transformação do país.

Para encaminhar estes objetivos, a equipe do Meninas na Ciência, que a partir de 2015 passou a contar com a coordenação da docente Carolina Brito, trabalha com projetos que vão da formação de alunas e alunos de graduação para difundirem a ciência e a tecnologia por meio da astronomia, da física e da robótica em escolas públicas até campanhas para debater os obstáculos e preconceitos de mulheres na ciência [2]. Já passaram pelo projeto aproximadamente 50 alunas/os da UFRGS, 500 estudantes de ensino médio e 2000 professores de diferentes estados brasileiros. Foram produzidos mais 60 vídeos “Lugar de Mulher”.

Em 2020, foi criado um curso EAD gratuito intitulado “Feminismos: algumas verdades inconvenientes”[3]. O curso já tem mais de 10000 mil pessoas inscritas! E para conversar sobre a problemática das mulheres nas ciências em mesas de bar, foi criado um teatro chamado “A Ciência como ela é”, encenado em bares e em eventos científicos pelas professoras Carolina Brito e Marcia Barbosa [4].

Como estas ações são criadas e mantidas? O “amor à camiseta” é condição necessária para tocar adiante um programa deste tipo, mas está longe de ser condição suficiente. Qualquer projeto de ciência exige financiamento regular e ininterrupto! O editalCNPq/MCTIC de 2013 foi o pontapé inicial, mas só foi ter um novo edital do gênero em 2018 - com muito menos recursos disponibilizados-, quando novamente o projeto foi contemplado. Se em 2013 mais de 300 propostas foram contempladas, em 2018 foram financiadas apenas 85. Embora muitos coletivos de mulheres e ONGs promovam ações dentro do tema, nas universidades - especialmente as públicas federais - é onde grupos de pesquisa e programas de extensão têm atuado de forma ampla e contínua. Editais como o Proext/MEC, maior programa interministerial do governo federal de apoio à extensão universitária em todas as áreas com editais contínuos desde 2009, teve sua última edição em 2016. Iniciativas privadas como os editais do Fundo Elas são importantes, mas carecem do impacto de uma política de Estado como a alinhavada pela SPM em 2004.

O Meninas na Ciência não é único. Vários projetos catalisados por estes editais foram mapeados e formam uma rede atuando em quase todo o Brasil [5]. Eles são a reafirmação de que ainda precisamos de dias como 11 de Fevereiro para nos lembrar que o lugar de mulher também é nas ciências exatas.

[1]<https://osf.io/m6eb4>

[2] <https://www.ufrgs.br/meninasnaciencia/>

[3] <https://lumina.ufrgs.br/course/view.php?id=100>

[4] <https://www.youtube.com/playlist?list=PLI2gYO4hw15GgMesXfcwu7v2yvap08td>

[5] <https://www.ufrgs.br/meninasnaciencia/mnc-no-brasil>